

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
GOIÁS
Câmpus Formosa

**DEPARTAMENTO DE ÁREAS
ACADÊMICAS LICENCIATURA EM
CIÊNCIAS SOCIAIS**

SIMONE DE SOUSA MELO

**TRABALHO, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA: UM ESTUDO SOBRE
PROMESSAS QUE OBSCURECEM A REALIDADE.**

Formosa/GO

2018

SIMONE DE SOUSA MELO

**TRABALHO, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA: UM ESTUDO SOBRE
PROMESSAS QUE OBSCURECEM A REALIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Áreas
Acadêmicas do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás,
Câmpus Formosa, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Oberdan Quintino
de Ataídes

Formosa/GO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - Cip

M528t Melo, Simone de Sousa

Trabalho, educação e formação humana : um estudo sobre promessas que obscurecem a realidade. / Simone de Sousa Melo -- 2018

58 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Oberdan Quintino de Ataides.

TCC (Licenciatura em Ciências Sociais) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Formosa, 2018.

1. Trabalho. 2. Educação. 3. Teorias educacionais. 4. Emancipação humana. I. Ataides, Oberdan Quintino de. II. Título.

CDD: 344.07

MELO, Simone de Sousa. **TRABALHO, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA: UM ESTUDO SOBRE PROMESSAS QUE OBSCURECEM A REALIDADE**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Ciências Sociais – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Formosa, 2017.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Msc Daniel Sejour de Araújo
Instituição: Instituto Federal de Goiás, Câmpus Formosa

Julgamento _____

Assinatura _____

Prof. Msc Marilene Antonia dos Santos Muniz
Instituição: Instituto Federal de Goiás, Câmpus Formosa

Julgamento _____

Assinatura _____

Prof. Msc. Oberdan Quintino de Ataídes
(Orientador)
Instituição: Instituto Federal de Goiás, Câmpus Formosa

Julgamento _____

Assinatura _____

Dedico este trabalho ao meu filho, Ezequiel, com carinho e todo amor. E a todos que me apoiaram para que concretizasse mais essa etapa na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Me. Oberdan Quintino de Ataídes pela paciência e compreensão, e a todos os professores que durante a graduação me incentivaram.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, por ter me proporcionado a chance de retomar os estudos e concluir a graduação.

Agradeço pela compreensão de mundo, que nunca mais será a mesma, mas que tornou possível a obtenção de conhecimentos, que me fizeram progredir como ser humano, e acreditar na possibilidade de que podemos ser semeadores da compreensão social e de acreditar num mundo melhor.

O capital a quem muitos encanta torna difícil a vida do homem que nunca descansa.

Sem saber o gosto da liberdade, o homem nasce, cresce, sem ter noção legítima da desigualdade.

Desigualdade que prende, que mata, que não dá vida social, para o homem que sonha em ter parte do capital.

A educação que era pra dar liberdade torna o homem uma máquina pra manter a desigualdade.

E a emancipação?

Vai ficar por conta da revolução!

Simone Melo

RESUMO

O presente trabalho é fruto das inquietações causadas pelo estudo de obras que correlacionam o processo educacional e o trabalho, que ainda na contemporaneidade se tornam tão presentes. O objetivo do trabalho é levantar as relações de trabalho, educação e formação humana para o mundo do trabalho. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, pois o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento, há o predomínio descritivo da coleta de dados, há uma preocupação com o processo e não com o produto, a análise de dados segue um processo indutivo. O trabalho tem como característica o levantamento de informações quanto ao processo educacional e para quem a educação formadora da cidadania, e capaz de tornar o homem omnilateral é voltada. A educação que na antiguidade era consequência do aprendizado mútuo, foi adaptada para se adequar ao Estado capitalista, fazendo com que seja uma preparação para o trabalho para os que não possuem os meios de produção. Será realizada uma introdução de como ocorreu a divisão do trabalho, e, conseqüentemente, da educação, mostrando que desde que ocorreu a separação destas, a sociedade capitalista se tornou um lugar opressor, onde as desigualdades imperam. Será mostrado também as concepções pedagógicas hegemônicas em Saviani (2008) que aparentemente visam sanar essas desigualdades, ou mesmo, para que estas desigualdades permaneçam vigentes dentro da sociedade capitalista. A sociedade menos favorecida possui menos recursos, e o ensino é dirigido para que essa população permaneça como colaboradora do crescimento do capital, que é pertencente à classe dominante. Por fim, serão apresentadas algumas alternativas para que essas desigualdades existentes dentro de nossa sociedade capitalista sejam sanadas, e que o homem possa ter efetivamente uma emancipação que tanto é desejada, que dentro da sociedade vigente se torna inviável se não forem tomadas tais medidas. Também serão apresentados relatos dos alunos trabalhadores diante da sua trajetória escolar conciliada com o trabalho.

Palavras-chave: Trabalho, Educação, Teorias educacionais, Emancipação humana

ABSTRACT

The present work is the result of the anxieties caused by the study of works that correlate the educational process and the work, which still in contemporary times become so present. The objective of the work is to raise labor relations, education and human training for the world of work. A qualitative research was performed, since the natural environment is the direct source of data and the researcher is the main instrument, there is the descriptive predominance of data collection, there is a concern with the process and not with the product, the data analysis follows an inductive process. The work has as a characteristic the collection of information regarding the educational process and for whom education that educates citizenship, and capable of making the omnilateral man is focused. The education that in ancient times was a consequence of mutual learning has been adapted to suit the capitalist state, making it a preparation for work for those who do not have the means of production. An introduction will be made of how the division of labor occurred, and consequently of education, showing that since the separation of labor occurred, capitalist society has become an oppressive place where inequalities prevail. It will also be shown the hegemonic pedagogical conceptions in Saviani (2008) that seemingly seek to heal these inequalities, or even, so that these inequalities remain valid within capitalist society.

The less favored society has fewer resources, and education is directed so that this population remains as a contributor to the growth of capital, which belongs to the ruling class. Finally, some alternatives will be presented so that these existing inequalities within our capitalist society can be healed, and that man can effectively have an emancipation that is so desired, that within the current society becomes unfeasible if such measures are not taken. Also will be presented reports of the student workers in front of their school path reconciled with the work.

Keywords: Work, Education, Educational Theories, Human Emancipatio

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

1. QUADRO SÍNTESE DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E EDUCAÇÃO.15

LISTAS DE TABELAS

1. Tabela do questionário sócio econômico.....59
2. Tabelados resultados coletados.....61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de jovens e adultos
ONU	Organização das nações unidas
ANDE	Associação nacional de educação
ANPED	Associação nacional de pós graduação em educação
BIRD	Banco mundial
OMC	Organização mundial de comércio
BID	Banco interamericano de desenvolvimento
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. OBJETIVO GERAL.....	16
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
3. METODOLOGIA.....	16
3.1 CAMPO DE PESQUISA.....	17
3.2 PARTICIPANTES.....	18
3.3 INSTRUMENTO E TECNICAS DE PESQUISA.....	19
4. O MUNDO DO TRABALHO: DA ESSÊNCIA HUMANA À BUSCA POR SOBREVIVÊNCIA.....	20
5. A EDUCAÇÃO E SUAS TEORIAS: O PAPEL DA ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE.....	26
6. PROPOSIÇÕES PARA EDUCAÇÃO COMO PROVEDORA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA.....	39
7. ESTUDANTES TRABALHADORES E SUAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES.....	47
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado ***Trabalho, educação, formação humana: um estudo sobre promessas que obscurecem a realidade*** pretende mostrar o modelo de concepção de trabalho existente, e que já existiu antes da sociedade capitalista, na qual se manipulam as expectativas do que seria a origem do verdadeiro significado da palavra e suas fundamentações. Sendo o trabalho a essência do homem, segundo Saviani (2007), poderemos propor que é distorcido o modo como se interpreta o trabalho na sociedade capitalista, o tornando um peso na vida humana, sem que tenham outras expectativas nem mesmo a superação de outras necessidades que possa ter.

No primeiro capítulo intitulado ***O MUNDO DO TRABALHO: DA ESSÊNCIA HUMANA À BUSCA POR SOBREVIVÊNCIA*** foram utilizados os textos de Antunes (2006), Marx (2014), nos quais referem-se às transformações que ocorreram dentro do âmbito da sociedade capitalista. Expõe os pontos que tornam o trabalhador e o trabalho uma coisificação e uma consequente alienação da mercadoria que é produzida pelo seu próprio trabalho. Em seguida, o autor propõe alternativas que tornariam novamente o trabalho como essência do homem e possibilitariam o melhor aproveitamento do tempo livre.

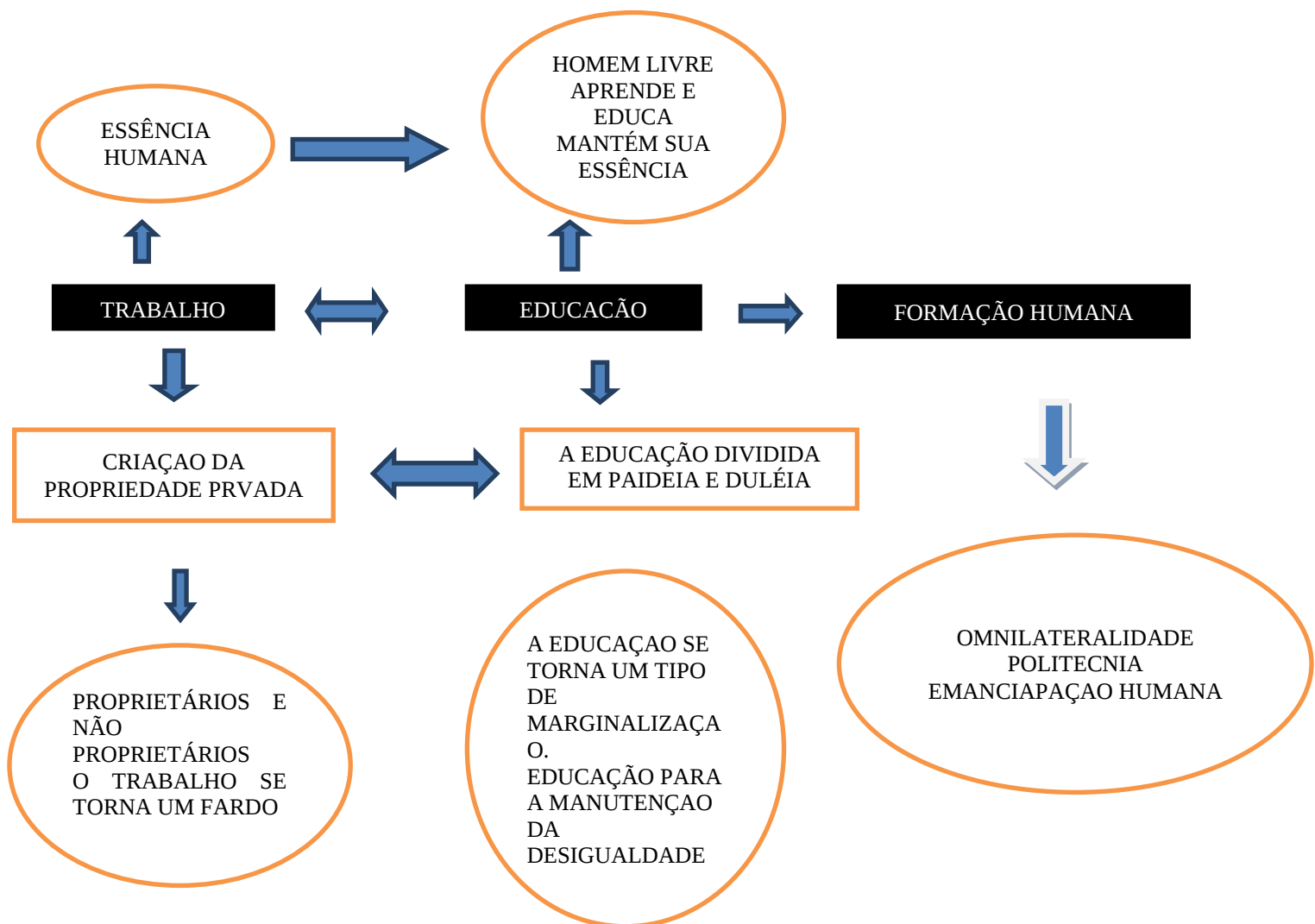
No segundo capítulo: ***A EDUCAÇÃO E SUAS TEORIAS: O PAPEL DA ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE*** propõe uma relação de educação com o trabalho. Os autores desenvolvem nos textos as concepções sobre educação até hoje existentes desde os tempos primitivos, mostrando as modificações feitas para a adaptação do homem a sociedade que se modificou para a sociedade privada. Mostra também as concepções de autores que se posicionam contra a concepção educacional hegemônica que visa na permanência e reprodução das atividades da classe dominante. Sendo, portanto, essas sendo classificadas como teorias educacionais contra-hegemônicas, nas quais propõem que a educação se tornou uma reprodução para a manutenção das condições da sociedade dominante.

Em sequência no terceiro capítulo com título ***PROPOSIÇÕES PARA EDUCAÇÃO COMO PROVEDORA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA***, será proposto pelos autores, como Yvo Tonet (2005), Frigotto (2008), Saviani (2008), Ramos (2003), Duarte (2010), Rodrigues (1998), Manacorda (2000) um modo pelo qual será proposto, a possível, emancipação humana integral, na qual o homem não será mais objeto que viabiliza o aumento do capital da sociedade dominante, enquanto suas

necessidades complementares são completamente esquecidas, transformando o indivíduo num ser que corresponde às expectativas da sociedade capitalista.

No último capítulo: **ESTUDANTES TRABALHADORES E SUAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES** serão expostos os relatos dos alunos trabalhadores e suas trajetórias escolares, no qual serão mostradas as dificuldades de conciliação de escola e trabalho, tendo como princípio a sobrevivência.

QUADRO SÍNTESE DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E EDUCAÇÃO



(*Elaboração: a própria autora, 2017)

Neste trabalho optei por uma abordagem qualitativa por ser relevante ao estudo das relações sociais, tendo como características essenciais à escolhas adequadas de métodos e teorias convenientes, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores com base em suas

pesquisas, como parte de produção do conhecimento e na variedade de abordagens e métodos. O método escolhido foi o materialismo histórico dialético, que nos faz enxergar os sujeitos considerados excluídos pelo sistema capitalista como cidadãos de direitos.

2. OBJETIVO GERAL

levantar as relações de trabalho, educação e formação humana para o mundo do trabalho.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Compreender o papel da sociedade capitalista nas transformações da essência do trabalho;
- 2) Analisar o papel da escola na contemporaneidade;
- 3) Compreender a possibilidade da escola e do Estado em preparar o estudante para ser trabalhador ou formar um cidadão.

3. METODOLOGIA

Foram feitas entrevistas com estudantes trabalhadores, contando suas trajetórias escolares e as consequências do trabalho na vida cotidiana, que não permitiram que em tempo oportuno pudessem frequentar a escola sem que tivessem prejuízo em meio à própria sobrevivência. As entrevistas foram feitas com estudantes do Instituto Federal de Goiás que além dos cursos técnicos do ensino médio e cursos superiores, oferta também cursos de EJA (Educação de jovens e adultos) com curso técnico integrado, e com a coordenadora da escola municipal Joaquim Moreira que é onde fica a coordenação do curso do EJA do município de Formosa.

A escola Joaquim Moreira recebe em seu quadro de alunos, segundo a coordenadora da escola, diversos tipos de alunos, em sua maioria pessoas de mais velhas que quando na juventude não puderam estudar e que resolvem voltar para ter ao menos a oportunidade de aprender a ler e escrever. A coordenadora diz ainda que o quadro de alunos começa bastante alto no início do ano, com cerca de 30 alunos, mas ao passar dos meses esse número se

reduz pela metade ou menos.

O motivo, mais característico pelo qual os alunos abandonam a escola, é o cansaço pela exaustão do trabalho cotidiano. Muitos deles são trabalhadores rurais, pedreiros, descarregadores, que em sua jornada de trabalho dedicam muito com esforço físico para concluir o dia de trabalho. Quando chegam à sala de aula, por terem que ficar de 18h45min às 22h45min, acabam se esgotando, acontecendo, muitas vezes, de dormirem na carteira, pois iniciam sua jornada muito cedo, por volta das 4 horas da manhã.

Não fomos autorizados a coletar depoimentos na escola Maria Alicia. Já os alunos do IFG, poucos aceitaram dar depoimentos, mas os que deram contaram suas trajetórias com riquezas de detalhes, o qual está transcrito no capítulo 4 desta monografia.

Nesta pesquisa optei pela metodologia qualitativa, utilizando-se também de dados quantitativos, procurando aprofundar a compreensão do objeto do estudo dentro do contexto em que este se insere. Segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa tem relevância ao estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas de vida. Os defensores do pós modernismo dizem que a era das grandes narrativas chegou ao fim, pois as narrativas precisam ter limites locais, temporais e situacionais. Segundo Flick (2009), a mudança social acelerada e a diversificação das esferas de vida fazem com que os pesquisadores enfrentem novos contextos sociais, fazendo com que a pesquisa seja obrigada a utilizar-se de estratégias indutivas.

3.1 CAMPO DE PESQUISA

A escolha do campo de pesquisa foi feita com a intensão de atingir um público alvo, no qual estão inseridos os estudantes da EJA (educação de jovens e adultos). A escola Joaquim Moreira foi escolhida por ser uma escola central e acomodar vários estudantes no período noturno, e por ser o centro de coordenação da EJA no município de Formosa Goiás. A escola Joaquim Moreira foi escolhida para ser o polo principal da EJA por ser no centro e pelos professores não estarem cumprindo com a carga horária a qual cada um é devido. Sendo acrescentada a coordenação geral

nesta escola para cumprir a carga horária.

Os professores responsáveis pelo EJA do município, não têm uma qualificação específica para a formação de jovens e adultos. A educação é dada de acordo com a formação inicial de cada um, que é de letras, geografia, história, matemática e etc. Somente na primeira fase, que vai da até a 5° (quinta) série, é trabalhado somente com um professor, que é formado em pedagogia. Recentemente a secretaria de educação manifestou interesse em dar formação específica ao professor do EJA.

O Instituto Federal de Goiás foi escolhido por ofertar, além de ensino médio integrado, ensino superior, e ensino da EJA integrado a cursos técnicos que preparam o aluno para mundo do trabalho, que facilitou a captação dos entrevistados, em grande parte. O Instituto Federal possui uma grande estrutura, com salas de computadores, laboratórios, biblioteca, assistência estudantil psicológica, financeira (aos que são selecionados) além de professores qualificados, com especializações, sendo mestres e doutores.

3.2 PARTICIPANTES

Os participantes entrevistados tiveram suas identidades preservadas, portanto foram especificados nomes fictícios para se referir a eles. Os estudantes da EJA, conforme especificações da secretaria de educação e da coordenação, são trabalhadores rurais, pedreiros, faxineiras, trabalhadores que trabalham com serviço pesado. Há também adolescentes que estão cumprindo medidas socioeducativas e adolescentes que pararam por pelo menos 6 meses, segundo a coordenadora, problemáticos que estão ali apenas cumprindo obrigação judicial. Há também alunos especiais, surdos, que tem acompanhamento.

Em geral são pessoas que durante a juventude, ou durante o processo escolar parou os estudos por conta do trabalho, por problemas familiares, ou pessoais. São indivíduos que, em sua maioria, procura uma inserção dentro do meio social, não de forma financeira, mas para que tenham um mínimo de interação com as exigências sociais, dentre as quais, a de saber ler e escrever.

Durante o processo de entrevistas senti dificuldades em obter os relatos, principalmente das mulheres. Os homens se dispuseram com mais facilidade em dar as entrevistas sabendo que estariam sendo gravados, mas percebi, em certos

momentos, que quando desligava o gravador do aparelho celular eles se mostravam mais a vontade em falar o que pensavam da relação escola e trabalho.

Em nenhum momento eles se percebem explorados pelo sistema, pelo contrário, alguns deles viram melhoria financeira depois que voltaram a estudar; outro disse que a vida escolar não teria importância, pois a prática que ele tinha no trabalho não fazia diferença se entendesse de cálculos ou não, o dinheiro que ele ganha seria igual, a diferença é que agora ele teria um diploma.

3.3 INSTRUMENTO E TECNICAS DA PESQUISA

Durante a pesquisa foram feitas entrevistas semi estruturadas, que segundo Gil (2012) o pesquisador segue por questões pré definidas, mas o contexto é muito semelhante a de uma conversa informal, dirigindo a conversa para o assunto que lhe interessa.

A análise de dados consistiu na degravação do texto e correlacionei as respostas com a literatura estudada para a melhor compreensão das situações estabelecidas pelos entrevistados, sendo pertinentes as afirmações dos autores com relação às situações persistentes na vida cotidiana.

4. O MUNDO DO TRABALHO: DA ESSÊNCIA HUMANA À BUSCA POR SOBREVIVÊNCIA.

Segundo Saviani (2007), o homem, em sua essência, é movido pelo trabalho, transforma a natureza para que esta venha a dar condições para sua sobrevivência. Sendo, portanto, impossível a existência humana se não fosse o trabalho. Mas essa concepção na sociedade capitalista vem sendo distorcida, tornando o trabalho para o homem uma forma de castigo, transforma-se em sinônimo de cansaço e exaustão.

Na antiguidade o trabalho era tido como uma ferramenta para que o homem conseguisse a sobrevivência. O homem adaptava a natureza para que pudesse viver conforme sua necessidade. A educação era resultado do próprio trabalho, que conforme fosse aprendendo a lidar com o meio e ensinar aos mais jovens, também acabava aprendendo, era como algo recíproco. Sendo uma atividade exclusivamente humana, somente o homem trabalha e consegue educar um ao outro, embora não seja suficiente para definir a essência humana, conforme afirma Saviani (2007) citando Bergson.

“(...) o ato de agir sobre a natureza transformando-as em função da necessidade humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. (...) a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico.” (SAVIANI 2007, p.154).

Na sociedade antiga não havia divisão de classes, portanto utilizavam dos meios naturais que possuíam para conseguir a sobrevivência, aprendendo e ensinando, mutuamente. O homem não seria capaz de sobreviver sem trabalhar. Com advento da propriedade privada, como afirma Saviani (2007), o homem consegue sobreviver a partir do trabalho dos escravos. A sociedade foi dividida em proprietários e não proprietários de terra.

Com a formação do capitalismo, duas classes foram formadas, diversificando a forma de viver e de consumir. Estabeleceram-se as classes dos que possuem os meios de produção e as dos que não possuem. Segundo Marx (1987), essa não é apenas uma relação econômica, pois a divisão de classes impõe formas de vidas

específicas. O acesso ao transporte, saúde, educação, habitação, não é o mesmo da classe que possui os meios de produção.

Portanto apesar de haver regras em nossa sociedade que garantem a igualdade entre as pessoas, há muitas diferenças que tem ligação com a divisão entre os que têm e os que não têm como produzir sua subsistência. E os que não têm como subsistir vende, do que Marx (2014) chamava, sua força de trabalho¹. Outra dimensão do fato de o trabalhador vender seu trabalho, mas só receber pela força de trabalho, é a mais-valia². Termo cunhado por Marx (2014) para explicar essa relação de apropriação do trabalho como um todo e o pagamento de uma parte dele. Esse termo é um dos mais importantes de Marx (2014), pois o trabalhador se submete a uma relação na qual seu trabalho é explorado de forma cada vez mais intensa.

Para entender como se dá a produção do capitalismo é necessário compreender as grandes transformações produtivas. Ao longo tempo, a produção industrial teve grande desenvolvimento. Segundo Antunes (2006) na década de 1980, nos países de capitalismo avançado, ocorreram muitas transformações no mundo do trabalho. Foram tantas transformações que a classe trabalhadora sofreu uma grande crise afetando sua forma de ser. Novos processos de trabalho surgem, buscando por novos padrões de produtividade se adequando à lógica de mercado. O toyotismo³ substitui o padrão fordista dominante em várias partes do capitalismo globalizado, ocorrendo grandes transformações no que diz respeito aos direitos do trabalho, com altos níveis de desemprego e retrocesso da ação sindical.

Antunes (2006), citando Gounet, diz que o sistema toyotista intensificou a exploração do trabalho, pois os trabalhadores trabalhavam com várias máquinas diversificadas e a velocidade do trabalho dependia das cores das luzes que acendiam na jornada de trabalho tornando o trabalhador polivalente. O sistema toyotista é mais envolvente, mais consensual, na verdade mais manipulatório. O

¹ É energia física e mental depreendida pelo trabalhador no processo de produção.

² Mais-valia é o termo famosamente empregado por Karl Marx à diferença entre o valor final da mercadoria produzida e a soma do valor dos meios de produção e do valor do trabalho, que seria a base do lucro no sistema capitalista.

³ O toyotismo é um sistema de produção industrial difundido a partir da década de 1970 e caracterizou-se por flexibilizar a fabricação de mercadorias.

resultado do processo de trabalho do produto permanece alheio e estranho ao produtor, preservando o fetichismo da mercadoria.

Em relação aos sindicatos, eles operaram um intenso caminho de institucionalização, se distanciando do movimento de classe, tramando seus movimentos dentro dos valores fornecidos pela sociabilidade do mercado, e do capital. O mundo do trabalho não encontra nas representações sindicais disposição com traços anticapitalistas.

Antunes (2006) diz ainda, que nos principais países da Europa ocidental os trabalhadores da indústria representavam cerca de 40% da população ativa no começo dos anos 40, hoje esta proporção é de 30%. Esses dados e tendências evidenciam a redução do proletariado fabril, industrial, manual, especialmente nos países de capitalismo avançado, gerando uma grande taxa de desemprego estrutural. Mas, em paralelo, cresciam as formas de subproletarização através da expansão dos trabalhadores parciais, precários, temporários, subcontratados.

Antunes (2006) diz que a ação de possibilitar o salto para além do capital, será aquela que incorpore reivindicações presentes no cotidiano do mundo do trabalho, como a redução radical da jornada de trabalho e a busca de tempo livre. Esse seria o ponto de partida para uma organização societária que caminhe para o reino da liberdade, fundamentado na associação livre dos indivíduos tornados efetivamente sociais.

O Antunes (2006) diz ainda que é importante afirmar que o trabalho não poderá ser confundido como momento único, pois o que se procura é uma instauração de uma nova sociedade, o momento da omnilateralidade humana que transcende a esfera do trabalho, mas deve encontrar nesse plano sua base de sustentação. É nesse meio problemático das classes, do seu agir e do seu fazer, que aflora a necessidade de elementos de mediação, no qual os sindicatos e os partidos são expressões autênticas.

Antunes (2006) conta que a história da realização do ser social se efetiva através da produção e reprodução de sua existência que se efetiva pelo trabalho, desenvolvendo-se pelos laços de cooperação social existentes no processo de

produção, que por sua vez é realizada pelo trabalho. O trabalho mostra-se como momento fundante de realização do ser social, que é condição para sua existência, é o ponto de partida para humanização do homem.

O trabalho na sociedade capitalista tem como resultado a desrealização do ser social, pois o resultado do trabalho aparece ao trabalhador como um ser alheio, aparecendo como desefetivação do trabalhador. O trabalho como atividade vital desaparece. A dimensão abstrata faz desaparecer a dimensão concreta de trabalho útil, encobrendo as dimensões sociais do próprio trabalho, tornando-as inseparáveis ao produto do próprio trabalho, mascarando as relações de trabalho individuais e totais, apresentado como relações coisificadas. (ANTUNES, 2006)

Segundo Antunes (2006) há uma luta contra esse estranhamento sob o capitalismo, que visa questionar o modo de produção e extração da mais-valia, possibilitando o indivíduo que trabalha utilizar seu tempo livre, objetivando uma experiência mais cheia de sentido, não coisificando pela manipulação do capital.

Antunes (2006) diz ainda que a crise que atinge o mundo do trabalho, seus organismos sindicais e partidários são de proporções ainda não assimilados, atingiu a materialidade e a subjetividade do trabalhador. As transformações atingiram especialmente os países capitalistas desenvolvidos. A nova fase do capital apropriou-se da dimensão intelectual do trabalho procurando envolver a subjetividade operária. O saber intelectual é transferido para as máquinas informatizadas que se tornam mais inteligentes pela transferência do saber intelectual, aumentando ainda mais o estranhamento e a alienação do trabalho.

Nos últimos anos, intensificaram-se as transformações no processo produtivo por meio do avanço tecnológico, da formação das formas de acumulação, que são decorrentes da própria concorrência intercapitalista, dada pela necessidade de controlar o mundo do trabalho, afetando a classe trabalhadora.

Por isso, a classe trabalhadora fragmentou-se, tornou-se mais qualificada em vários setores, como na siderurgia, onde houve intelectualização do trabalho, mas desqualificou-se e se tornou precarizada em diversos ramos, uma massa

trabalhadora sem qualificação que presencia emprego temporário, parcial ou desempregado.

Antunes (2006) diz que ao contrário daqueles que defendem o fim do papel central da classe trabalhadora no mundo atual, o desafio maior da classe que vive do trabalho é sondar os laços de pertencimento de classes existentes que constituem em contingentes sociais potencialmente rebeldes diante do capital e de suas formas.

Essa classe que Antunes (2006) chama de classe que vive do trabalho, como sinônimo de classe trabalhadora compreende os seguintes grupos:

- Todos aqueles que vendem sua força de trabalho
- Os assalariados do setor de serviços e também o proletariado rural
- O proletariado precarizado sem direitos, e também os trabalhadores desempregados.
- Os gestores e altos funcionários do capital que recebem rendimentos elevados.

Antunes (2006) propõe alternativas essenciais que se devem resgatar:

Primeiro, é preciso alterar a lógica da produção societal, que deve ser voltada para valores de uso e não valores de troca, pois a população mundial teria condições de se reproduzir socialmente. Trabalhando poucas horas por dia o mundo poderia reproduzir-se de maneira não destrutiva, instaurando um novo sistema de metabolismo societal.

Segundo, a produção de coisas socialmente úteis deve ter como critério o tempo disponível e não o tempo excedente, com isso o trabalho ganha um sentido de auto atividade, abriria possibilidades para um tempo livre cheio de sentido, pois hoje o tempo livre está poluído pelo fetichismo da mercadoria.

Terceiro, é preciso empreender mudanças e resistência na vida cotidiana da classe que vive do trabalho, mas é fundamental que tenham uma direção contrária a lógica destrutiva do capital, como por exemplo, a luta dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho sem redução salarial e sem a perda dos direitos de

trabalho. Trabalhar menos, para que homens e mulheres possam sair do desemprego.

Quarta, reinventar um projeto socialista global, que resgate os valores mais essenciais da humanidade. Um bom ponto de partida para tal ação é desenvolver uma crítica contemporânea e profunda da humanidade sob o capital.

O autor expõe todos os problemas que há na sociedade capitalista e os infortúnios que assolam a classe trabalhadora. Expõe como os acontecimentos que desenvolveram o capitalismo e que o torna cada vez mais como um laço, que não será desfeito se não houver planejamentos, atitudes, e reivindicações por parte da classe que vive do trabalho, como assim o chamam.

O trabalho deve ter uma essência que não submeta os trabalhadores a coisificação, tornando o trabalhador alheio ao seu próprio trabalho, pois é isso que a forma societária atual faz com os que vivem do trabalho. O trabalhador deve aproveitar o seu tempo livre para se introduzir nas manifestações culturais, e que o façam ter um crescimento intelectual que o trabalho atual não permite.

No Estado atual, o trabalhador se torna refém do seu próprio trabalho, não tendo partidos nem sindicatos que estejam dispostos a lutar contra a institucionalização capitalista, tendo atitudes que estão de acordo com o crescimento do capital. Os que vivem do trabalho precisam ter a consciência de que sem ele não haverá mercadoria, e que o trabalho deve ser efetuado de forma a trazer ao homem a essência que efetivamente o define.

O homem tendo na sua essência o trabalho, não vive sem ele, mas se torna escravo da alienação⁴, como diria Marx (2014), que se sobrepôs a ele em detrimento da sobrevivência. O capital que traz a desigualdade social transforma o homem em mera força de trabalho, sem o direito de transcender as coisas simples da vida que trazem prazer, crescimento intelectual, material e social.

⁴ No marxismo, alienação (do alemão Entfremdete Arbeit) é a situação típica do capitalismo através da qual as pessoas são apartadas dos bens que elas mesmas produzem.

5. A EDUCAÇÃO E SUAS TEORIAS: O PAPEL DA ESCOLA NA CONTEMPORANEIDADE.

Segundo Brandão (2010), ninguém escapa da educação, em todos os momentos da vida, em casa, na igreja, ou na escola. Todos os dias misturamos a vida com educação. De tudo o que se discute sobre educação, não há uma forma única de educação, a escola não é o único lugar onde ela acontece.

“Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais sem classes, de classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas.” (BRANDÃO, 2010, p.4)

A educação pode existir livre, ou pode existir de maneira imposta por um sistema centralizado de poder que usa o saber como arma que reforça a desigualdade nas divisões de bens, de trabalho e de direitos. A educação existe na imaginação das pessoas ou na ideologia de grupos sociais, e se espera que transforme sujeitos e mundo em coisa melhor, mas na prática, ao contrário do que se pensa a educação pode deseducar. (BRANDÃO, 2010)

O autor salienta ainda que a educação é uma fração da experiência endoculturativa, ela aparece quando há intenções de ensinar e aprender, como por exemplo, modelar a criança ao modelo social do adolescente e em seguida do adulto. “Ajudar a crescer, orientar a maturação, transformar em, tornar capaz, trabalhar sobre, domar, polir, criar, como um sujeito social, a obra, de que o homem natural é a matéria-prima”. (BRANDÃO, 2010)

Brandão (2010) afirma que assim como acontece com as outras práticas sociais, acontece com a educação, um dia surge o interesse político de controle. São controlados por confraria de especialistas, mediadores entre o poder e o saber. Onde um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, tornando-os sujeitos livres repartindo uma vida comunitária, mas outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens ensinando-os a serem senhores ou escravos, a pensarem com as mesmas palavras uns como senhores e outros como escravo.

Dentro desta mesma perspectiva, Saviani (2007) diz que com a criação da propriedade privada, além de proprietários e não proprietários de terra, a educação também foi dividida. A escola foi criada, o nome *Escola*, em grego, significa lugar do ócio, ou seja, a escola só poderia ser frequentada pelos donos de terra, pela classe dominante. Na sociedade grega a educação era dividida em Paidéia (meio de educação que insere a criança na cultura) e Duléia (educação da formação do escravo).

Essa divisão da escola foi responsável pela divisão de trabalho manual e trabalho intelectual. Saviani (2007) cita:

“Essa separação entre escola e produção reflete, por sua vez, a divisão que se foi processando ao longo da história entre trabalho manual e trabalho intelectual. (...) a escola desde suas origens, foi posta do lado do trabalho intelectual; constituiu-se num instrumento para seus futuros dirigentes que se exercitavam não apenas nas funções da guerra, mas nas funções de mando, liderança política, por meio do domínio da arte da palavra e do conhecimento dos fenômenos naturais e das regras de convivência social. (...)” (SAVIANI, 2007, p. 158).

Com o modo de produção capitalista surgiu o domínio da cultura intelectual, e a escola se torna dominante no processo educativo generalizando a educação. Com a revolução industrial essa percepção ficou ainda mais nítida, conforme Saviani (2007). Com a maquinaria das indústrias produzindo boa parte dos trabalhos, que antes era dirigido aos trabalhadores, tornando-se, então, o trabalho intelectual materializado. Portanto, na medida em que ocorria a revolução industrial, ocorria também uma revolução educacional.

Nesse contexto a escola foi obrigada a ligar-se ao mundo da produção, mas dividida em duas, formando a escola dualista, que educava para o trabalho intelectual e outra para o trabalho manual, dependendo de suas características, de origem social.

Desta forma, as análises relativas à educação continuam a ser propostas. Técnicas educacionais continuam conduzindo o homem na sociedade capitalista de forma que permaneçam de forma regrada e sistematicamente conveniente ao sistema. Diante disso, outras concepções educacionais surgem de forma a criticar o sistema reprodutivo da sociedade dominante.

No mesmo sentido, e para reafirmação do que foi dito anteriormente, Saviani (2008), diz que no ano de 1970, 50% dos alunos das escolas primárias eram semi-analfabetas, fora os que não tinham acesso à escola, que já se encontravam marginalizadas. E para superar a situação de opressão, era necessário vencer a barreira da ignorância, para transformar o indivíduo através da educação. É marginalizado quem não é esclarecido, mas esse tipo de educação foi uma decepção, pois nem todos conseguiam ingressar, e nem todos que ingressavam conseguiam ser bem sucedidos. Esse tipo de escola se revelaria inadequado.

Diante disso, outras formas de manifestação do ensino foram incluídas para a adaptação dos acontecimentos históricos. No regime militar, no qual o lema, segundo Saviani (2007), era definido como segurança e desenvolvimento, os índices de alunos que se evadiam e repetiam o ano fez com que um novo método, para manter a imagem de desenvolvimento, fosse realizado.

Com as aproximações de indústrias internacionais fazia com que tivessem que preparar mais mão de obra especializada. Para tanto era necessário que houvesse uma organização racional do trabalho. Nesse contexto foram inseridos sistemas que mantivessem o controle do trabalhador. Dentre esses sistemas estão o taylorismo, fordismo, o behaviorismo, que este em especial era dado o papel para o controle do comportamento humano, não podendo esquecer a técnica de taxionomia, escrita por Bloom, que visava tratar o ser humano como um organismo visando no seu comportamento e não na sua consciência. (SAVIANI, 2008)

Todos esses métodos visavam à preparação de mão de obra, sendo mais conhecida como teoria tecnicista. Essa pedagogia foi inserida a partir de reformas que ocorreram no ensino médio e o seu principal tutor foi Valnir Chagas. Este se propunha a dar continuidade às obras de Anísio Teixeira, que tinha uma proposta de escola nova, mas, Valnir chagas, que era braço direito de Jarbas Passarinho, conforme Saviani (2008) afirma, não fez mais do que cumprir o papel ideológico educacional do regime militar.

A concepção pedagógica tecnicista tinha como pressuposto a maneira objetiva e operacional como processo educativo, Saviani (2008) destaca:

“Aqui, é o trabalhador que se deve adaptar ao processo de trabalho, já que este foi objetivado e organizado na forma parcelada. Nessas condições, o trabalhador ocupa seu posto na linha de montagem e executa determinada parcela do trabalho necessária para produzir

determinados objetos. O produto é, pois, uma decorrência da forma como é organizado o processo. O concurso das ações de diferentes sujeitos produz assim um resultado com o qual nenhum dos sujeitos se identifica e que, ao contrário, lhes é estranho.” (SAVIANI, 2008, p. 382).

Nesse contexto, Saviani (2008), afirma que a pedagogia tecnicista contribuiu para que permanecesse um caos no campo educativo, inviabilizando o trabalho dos educadores. Outra concepção pedagógica foi a analítica, que se desenvolveu a partir do positivismo lógico, tem como objeto a linguagem sobre a realidade, tentando traduzir a linguagem educacional. Outra a concepção pedagógica foi a visão crítico reprodutivista, que estavam empenhados em criticar a educação dominante, o espaço onde essas discussões ocorriam era a pós graduação, que refletia as contradições da sociedade brasileira, sendo construída tendente para uma criticidade que gerou importantes estudos para a educação.

A principal referência, como já foi mencionado anteriormente, era a teoria do sistema de ensino como violência simbólica, a escola enquanto aparelho ideológico do Estado e a teoria da escola dualista. Demonstrando cada uma delas, Saviani (2008), diz que a teoria do ensino como violência simbólica, reproduz as relações de forças sociais.

A teoria da escola como aparelho ideológico do Estado elaborado por Althusser, diz que a escola é responsável pela manutenção das relações de produção existentes, para que o Estado possa manter a sua reprodução. Para tanto o estado tem em suas estruturas aparelhos ideológicos e repressivos para a manutenção dessa estrutura. Somente uma pequena parte atinge o vértice da pirâmide, ocupam postos próprios dos agentes de exploração. Nesse contexto a classe trabalhadora é marginalizada. Saviani diz que:

“Portanto, a educação será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que contribuir. Para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica.” (SAVIANI, 2008, p.20)

A teoria da escola dualista que tem a função da inculcação da ideologia burguesa, pois como afirma Saviani (2008), “A escola é entendida, pois, como um aparelho ideológico da burguesia e a serviço dos seus interesses”. (Saviani 2008 p.395). A escola é dividida em duas: a burguesia e o proletariado. A escola tem por

missão impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária. A escola qualifica o trabalho intelectual e desqualifica o trabalho manual. Saviani (2008) diz ainda que a escola sofre com a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade. A classe dominante preserva o seu domínio procura evitar a transformação.

O ensino tradicional, que predomina hoje nas escolas, se constituiu depois da revolução industrial e se implementou nos sistemas nacionais de ensino. Saviani (2008) descreve os métodos utilizados na escola nova, que buscava considerar o ensino como um projeto de pesquisa, mas diz ainda que o ensino não é um processo de pesquisa. Querer transformá-lo num processo de pesquisa é artificializá-lo.

Saviani (2008) se utiliza de teorias para se contrapor as metodologias pedagógicas existentes. Dentre essas teses ele fala da teoria da curvatura da vara, na qual diz que quando a vara está torta, ela fica curva de um lado, e se você quiser endireitá-la não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto. Devendo considerar que:

“Considera-se que os homens não são essencialmente iguais; os homens são essencialmente diferentes, e nós temos que respeitar as diferenças entre os homens. Então, há aqueles que têm mais capacidade e aqueles que têm menos capacidade; há aqueles que aprendem mais devagar; há aqueles que se interessam por isso e os que se interessam por aquilo.” (SAVIANI, 2008, p.52)

Saviani (2008) afirma que com o desenrolar do desenvolvimento da sociedade o homem enquanto livre, detentor de sua força de trabalho poderia escolher de que forma trabalharia e para quem venderia sua força de trabalho, isso é o que seria uma igualdade formal, mas assim que a burguesia se torna classe dominante ela estrutura os sistemas nacionais de ensino e comanda a educação para todos, dando a oportunidade que todos se tornassem cidadãos.

Mas a partir do momento em que os interesses das massas se contradizem com o interesse da burguesia, o desejo de transformar a sociedade em algo democrático faz com que os interesses dela coincidam com a perpetuação da sociedade. A burguesia, dessa forma, torna também a educação não democrática, pois as escolas são feitas de forma que reproduzam a desigualdade.

Para compreender melhor o contexto e conceptualizações realizadas pelos teóricos, Saviani (2008) afirma:

“Inspirada nessas teorias, boa parte dos intelectuais voltados para a educação brasileira empenharam-se na denúncia sistemática da utilização da educação por parte dos setores dominantes, utilização esta exacerbada na vigência do regime autoritário como um mecanismo de inculcação da ideologia dominante e reprodução da estrutura social capitalista.” (SAVIANI, 2008, p.57)

Com a denúncia feita pelos intelectuais foi criada a visão crítico reprodutivista, que desempenhou importante papel na década de 1970 que batiam de frente com o regime militar, responsável pela política educacional nesta data, utilizando um método educacional que visava o controle da sociedade e como meio de manter as relações de dominação existentes. Mas para compreender melhor o papel das teorias críticos reprodutivistas Saviani (2008) diz:

“É preciso compreender que as teoria que chamei de “crítico-reprodutivistas” não apresentam alternativas, isto é, não apresentam uma orientação pedagógica para a prática educativa, não pode ser considerado em sentido próprio, como um limite, uma vez que jamais tiveram essa pretensão. Conforme uma distinção sugerida por Luiz Antonio Cunha, trata-se de “teorias sobre educação” e não “teorias da educação”. Seu objetivo é, pois, compreender e explicar o modo de funcionamento da educação e não orientar a forma de realização da prática educativa.” (SAVIANI, 2008 p.70)

Dentro dessa mesma expectativa, surgiram as teorias contra-hegemônicas buscando orientar a prática educativa. Na década de 80, apesar da ONU declará-la como década perdida, foi a década em que mais houve mobilização por parte dos educadores formando organizações, que para eles naquele momento serviam como sindicatos. Dentre essas associações foram criadas a ANDE, ANPED, entre outros. Nessa década também se pode destacar a criação de revistas com produções acadêmico científicas, que das quais se destacaram a *ANDE* e *Educação e sociedade*.

A transição do regime militar para uma sociedade civil, como afirma Saviani (2008), teve grandes marcos na sociedade na década de 80. Essa transição possuiu ambiguidades, assim como também as ideias pedagógicas. Uma priorizava o saber do povo, como forma de expressão popular, e a outra priorizava o acesso à educação das camadas populares. Ambas tinham uma visão educativa

transformadora.

Na pedagogia da educação popular, a educação era dirigida para o povo e com o povo, diferente da concepção da elite, que era da elite para o povo. Na pedagogia da prática trabalhavam com o conceito de classe, produzindo e distribuindo conhecimento para a população brasileira. A pedagogia crítico social dos conteúdos que visava reprimir as escolas conteudistas, foi criticada por Libâneo, como afirma Saviani (2008), pois o melhor papel da escola seria reproduzir conteúdos que estivessem ligados com a realidade social de cada indivíduo.

No que se refere a pedagogia histórico-crítica, visa fazer um análise histórica dos aspectos reproduzidos até hoje pela sociedade, que é dominada pelo capital e reproduz esses aspectos, para que esse processo de sociedade dividida entre dominadores e dominados, permaneça.

Saviani (2011) diz que as propostas da pedagogia histórico crítica em relação a educação escolar são:

- Identificar o saber objetivo produzido historicamente, como foi produzida e manifestada, bem como, transformada.
- A transformação do saber objetivo do saber escolar, de modo que se torne assimilado por todos.
- Ter os meios necessários para que os alunos além de assimilarem o saber objetivo enquanto resultado, mas aprendam o processo de produção.

Saviani (2011) diz que a pedagogia histórico crítica está além da visão crítico-reprodutivista. Esta segunda surgiu em 1968 com a revolução cultural dos jovens, tentando também fazer uma revolução social, mudar as bases da sociedade, abrangia a escola e todo âmbito da cultura. Essa visão crítico reprodutivista desempenhou um papel importante em nosso país, pois criticava o regime autoritário e a pedagogia desse regime, que era a pedagogia tecnicista.

Nesta época não se distinguia o reprodutivismo que era entedido como inspiração marxista, do não reprodutivismo. Os educadores enfrentavam problemas, pois não sabiam como ter uma posição crítica no campo pedagógico. Segundo a teoria crítico-reprodutivista é impossível que o professor tenha uma visão crítica, pois a pedagogia situa-se no campo na violência simbólica, na reprodução das relações

de produção. Para tanto, é necessário que o educador desconheça seu papel, pois quanto mais ignoram, mais eficazmente eles reproduzem. Neste contexto buscou-se uma saída, e está o anseio da formulação de uma proposta que vá além da teoria crítico-reprodutivista.

Saviani (2011) tenta diferenciar a dialética da concepção crítico reprodutivista. Para isso, ele analisa os textos de Althusser, Bourdieu e Passeron, Baudelot e Establet. Diante da insatisfação com essas críticas reprodutivistas foi necessário uma análise do problema educacional que resultasse na articulação de interesses populares em transformar a sociedade. Saviani (2011) cunhou o termo de concepção histórico crítica, na qual procurava reter o caráter crítico de articulação com as condições sociais que a visão crítico reprodutivista possui, vinculado a dimensão histórica que o reprodutivismo perde de vista.

O marco da visão histórico crítica foi no ano de 1979, os esforços deixaram de ser individuais para serem coletivos. A partir de 1983 são maiores os clamores para que essa concepção pedagógica se desenvolvesse com o intuito de influenciar a prática específica dos professores na sala de aula.

Mas logo se manifestou críticas sobre essa concepção, pois consideram que ser crítico é negar tudo o que a burguesia produziu. Começa a surgir falsas dicotomias da pedagogia histórico-crítica, a primeira seria de forma e conteúdo, dizendo ser esta é conteudista, Saviani (2011) enfatiza que a questão central da pedagogia é a questão dos métodos, dos processos; o conteúdo, o saber sistematizado, não interessa a pedagogia.

Segundo Saviani (2011) a pedagogia é o processo pelo qual o homem se torna plenamente humano. A escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico e científico. A elaboração do saber não é sinônimo de produção do saber, a produção do saber é social ocorre no interior das sociedades; a elaboração implica expressar o saber que surge da prática social. Se a escola não permite o acesso a esses conhecimentos, os trabalhadores ficam bloqueados para chegar ao nível de elaboração do saber. O saber sistematizado continua a ser propriedade da classe dominante.

Outra dicotomia é saber versus consciência, que diz que a pedagogia histórico-crítica estaria dando mais valor ao saber do que a consciência crítica. Na verdade a consciência aproxima-se a medida que eles dominam os instrumentos de elaboração do saber. Outra dicotomia implica em dizer que essa pedagogia tem o saber como algo definitivo e acabado, o que é descabido, pois a produção social do saber é histórica, por isso não cabe falar em saber acabado. É um saber suscetível de transformação, mas sua própria transformação depende de alguma forma de domínio pelos agentes sociais.

Segundo Saviani (2011) o saber erudito e o saber popular se torna outra dicotomia, que afirma que a pedagogia histórico-crítica estaria valorizando a cultura erudita, mas o autor diz que isso é falso, pois nem o saber erudito é puramente burguês, nem a cultura popular é completamente popular. Os dois se misturam e ao se converterem em senso comum penetram nas massas.

A superação dessa dicotomia seria o povo ter acesso ao saber erudito, daí esse saber não seria mais distintivo da elite, ela torna-se popular. Com isso o autor afirma que não se descuidou da sabedoria popular, pois o povo precisa da escola para ter o saber erudito e para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses.

“Assim, a questão central da pedagogia é o problema das formas, dos processos, dos métodos; certamente, não considerados em si mesmos, pois as formas só fazem sentido quando viabilizam o domínio de determinados conteúdos.” (SAVIANI, 2011, p. 65)

Contudo, e nas mesmas perspectivas das teorias educacionais, segundo Duarte (2010), os debates educacionais têm se caracterizado pelas pedagogias do aprender a aprender, com destaque para o construtivismo, o reflexismo, a pedagogia das competências, a pedagogia dos projetos e a pedagogia multiculturalista, e o que têm em comum é a negação de uma educação tradicional. E é o que Saviani (2007) chama de neoescolanovismo para dar significado a esse lema do aprender a aprender.

Duarte (2010) aponta as ideias dessas pedagogias da atualidade. A primeira delas é a ausência da perspectiva de superação da sociedade capitalista, o que está associado a uma concepção idealista das relações entre educação e sociedade.

“Esse idealismo chega ao extremo de acreditar ser possível formar, no mesmo processo educativo, indivíduos preparados para enfrentar a competitividade do mercado e imbuídos do espírito de solidariedade social. (...) Segundo essa perspectiva, seriam os casos da vida de cada sujeito que determinariam o que é ou não relevante para sua formação.” (DUARTE, 2010, p.35)

Dessa negação ocorre o relativismo, que leva a uma ausência de referências para a definição do que ensinar na escola às novas gerações. Diante disso, outra ideia difundida pelas pedagogias é de que o cotidiano do aluno deve ser a referência central para as atividades escolares, pois seria uma atitude antipedagógica ensinar conteúdos que não tenham utilidade para o aluno. Mas há consequências dessa limitação de conhecimento, que seria a reprodução das desigualdades sociais e dos preconceitos que naturalizam tais desigualdades.

Duarte (2010) aponta algumas características das pedagogias mais difundidas nas últimas décadas. Entre elas está o construtivismo, no qual o desenvolvimento do conhecimento humano é promovido pelo esforço de adaptação do organismo ao meio ambiente, isso significa que as melhores atividades serão as que promovam o processo espontâneo de desenvolvimento do pensamento.

Já a pedagogia dos projetos, é compatível com a teoria Piagetiana, de que esse método de pesquisa é mais útil do que o conhecimento que é passado pelos professores, no qual a ideia central dos métodos de projetos é que o conhecimento deve ser buscado pelos alunos a partir das necessidades de sua vida cotidiana.

Duarte (2010), diz ainda, que essa mesma perspectiva é adotada pela pedagogia do professor reflexivo, na qual a formação dos professores está associada a ideia de educação permanente ou formação continuada ou educação ao longo da vida. Nessa perspectiva, se os alunos devem partir da prática da vida cotidiana, os professores também devem seguir esse caminho. A pedagogia das competências vai de encontro com a teoria do aprender fazendo, e tem a especificidade de tentativa de decomposição do aprender a aprender em uma listagem de habilidades e competências.

O mais distante das pedagogias aqui descritas, segundo Duarte (2010), é a pedagogia multiculturalista, pois acrescenta ao aprender a aprender a defesa do princípio da diversidade cultural e do respeito às diferenças.

Em Ramos (2003), podemos encontrar os posicionamentos a respeito do lema aprender a aprender. O primeiro deles, diz que é mais desejável o aprendizado que o aluno desenvolve por si mesmo, contribuindo para sua autonomia, sendo a transmissão de conhecimento pelo aprendizado de outra pessoa um obstáculo para sua autonomia. O segundo posicionamento diz que é mais importante que o aluno desenvolva um método próprio do que aprender os conhecimentos que são transmitidos por outras pessoas.

O terceiro posicionamento considera que a aprendizagem deve ser dirigida e impulsionada pelos interesses e necessidades do próprio estudante. Por fim, o quarto posicionamento diz que o papel da educação implica preparar o indivíduo para acompanharem a sociedade que se encontra em acelerado processo de mudança.

A respeito do ensino construtivista, Ramos (2003) diz que é crucial abandonar a suposição de que nossas percepções são preexistentes, o conhecimento resultaria do que os indivíduos extraem das experiências.

Ramos (2003) fala ainda do pragmatismo, como referência para o processo de ensino-aprendizagem, faz com que o mais importante seja aprender os procedimentos para se chegar à conclusão, o que importa é aprender o procedimento para a resolução dos problemas, ou seja, aprender a aprender.

Mas para que houvesse mudanças nesses contextos educacionais foram criadas inovações que pudessem dar uma melhor visão da conceitualização de currículo. Para tanto, se criou a teoria neopragmatista, considerada uma revolução pedagógica, que teria como princípio a auto-organização com matriz não linear e não-sequencial, sem início nem fim, e que possuía as seguintes características:

“Apresentar problemas na forma de narrativas; 2) propor ao estudante que se assuma como personagem dessa narrativa; 3) propor ao estudante que redescreva as narrativas originais por meio de outras narrativas, sem hierarquia epistemológica, posto que não haveria narrativa que apreende a “realidade como ele é”, mas haveria, em cada uma, jogos de linguagem distintos que estariam aptos, pragmaticamente, para situações distintas; a distinção, a validade ou a adequação dos vocabulários dar-se-ia pela utilização lingüística que se faria deles; 4) solicitar ao estudante suas narrativas de redescrição, discutindo sua pertinência com colegas, professores,

livros e outros meios, sendo este o momento da criação, de imaginação e, portanto, o auge do processo de criação de metáforas; 5) seleccionar metáforas para a condução intelectual, moral e estética no campo cultural, social e político de cada um.” (RAMOS, 2003, p.107)

Ramos (2003) diz que conceptualizações naturalistas de homem compreendem as socializações das pessoas como um processo de interação de modo que fatores internos e externos se inter-relacionem formando a personalidade dos indivíduos, mas isso suprime a característica fundamental que define o homem como ser histórico social, que é a capacidade de definir as finalidades de suas ações e, portanto, de ser sujeito da produção de sua própria existência.

Consequentemente, segundo Brandão (2010), todas essas análises de concepções pedagógicas voltadas para a manutenção das desigualdades educacionais, na letra de lei a coisa não muda muito, pois ao ditarem os fins da educação, os legisladores garantem para todos o melhor. Eles falam sobre o trabalho pedagógico em todos os seus graus de mobilidade, falam a respeito de uma educação idealizada:

“Art. 19 — A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim: a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade; b) o respeito a dignidade e às liberdades fundamentais do homem; c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional; d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum; e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio; f) a preservação do patrimônio cultural; g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou raça.” (Lei 4024, de 20 de dezembro de 1961)” (BRANDÃO, p.25)

Mas por outro lado, segundo Brandão (2010), intelectuais fazem críticas sobre a prática da educação no Brasil, pois dizem que a educação nega no cotidiano o que afirma na lei. Não há liberdade e a educação não contribui para isso, não há igualdade e a educação se consolida numa estrutura classista e não há fortalecimento dos verdadeiros valores culturais.

Segundo Brandão (2010) não há ideias propostas, há interesses econômicos

e políticos que se projetam sobre a educação. Na fala de quem responde por fazer a educação funcionar, ao pensar a educação procura-se desvendar o que se afirma na lei e na teoria. A ideia de que a educação não serve apenas à sociedade, mas a mudança e formação de sujeitos sociais, pode não estar escrita de maneira direta, pois as leis são escritas por quem pensa que o mundo não vai mudar um dia, mas suas consequências aparecem indiretamente.

Brandão (2010) dá o exemplo da lei de diretrizes e bases dizendo que os fins da educação acrescentam para a formação do trabalho ou enfatizam mais do que as leis anteriores:

"O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania." (BRANDÃO, p.35)

Brandão (2010) diz que as pessoas educadas são agentes de mudança, mas é para torná-los mais do que cultos que a educação deve ser pensada. Dentro de uma sociedade dividida, perde sua noção de bem de uso e ganha de um bem de troca, ela não representa mais o que ela realmente é para as pessoas. A educação vale como um bem de mercado e por isso às vezes custa caro.

"Onde surgem interesses desiguais e, depois, antagônicos, o processo educativo, que era unitário, torna-se partido, depois, imposto. Há educações desiguais para classes desiguais; há interesses divergentes sobre a educação, há controladores. Grupos desiguais não só participam desigualmente da educação — dos nobres, dos funcionários, dos artesãos — como são também por ela destinados desigualmente ao trabalho: para dirigir, para executar, para produzir." (BRANDÃO, 2010, p.47)

Diante de todas essas proposições, podemos dizer que as concepções pedagógicas produzidas não foram suficientes para que o homem seja, de fato, livre da cadeia do capital. Com técnicas que visam prender cada vez mais a mentalidade humana para que continuem a produção das desigualdades existentes, as concepções pedagógicas deveriam ser repensadas, pois o objetivo é transformar o homem em um ser independente, que efetivamente possuísse sua emancipação política e humana integral.

6. PROPOSIÇÕES PARA EDUCAÇÃO COMO PROVEDORA DA EMANCIPAÇÃO HUMANA

Segundo Frigotto (2008) um dos temas mais debatidos no âmbito da educação é sua qualidade. Nossa herança histórica produz relações na qual combina-se a alta concentração de renda com a pobreza da maior parte da população, do analfabetismo e alta escolaridade e trabalho informal. O ideal de escola pública, laica, gratuita, e universal, ideia da burguesia enquanto classe revolucionária correu pela desigualdade estrutural.

“Em toda a sociedade civilizada existem necessariamente duas classes de pessoas: a que tira sua subsistência da força de seus braços e a que vive de renda de suas propriedades ou do produto de funções onde o trabalho do espírito prepondera sobre o trabalho manual. A primeira é a classe operária; a segunda é aquela que eu chamaria de classe erudita. Os homens da classe operária têm desde cedo necessidade do trabalho de seus filhos. Essas crianças precisam adquirir desde cedo o conhecimento, sobretudo, o hábito e a tradição do trabalho penoso a que se destinam. Não podem, portanto, perder tempo na escola. (...) Os filhos da classe erudita, ao contrário, podem dedicar-se a estudar durante muito tempo; têm muita coisa a aprender para alcançar o que se espera deles no futuro. Necessitam de um certo tipo de conhecimento que só se pode apreender quando o espírito amadurece e atinge determinado grau de desenvolvimento. (...) Concluamos, então, que em todo Estado bem administrado e no qual se dá devida atenção à educação dos cidadãos, deve haver dois sistemas completos de instrução que não têm nada em comum entre si (grifos meus) (Destutt de Tracy, 1917, tomo I, apud Frigotto, 2002, p15)”. (FRIGOTTO, 2008, p.4)

Frigotto (2008) diz ainda que dos anos 50 pra cá localizamos nas políticas educacionais dois momentos em que a qualidade da educação passa a subordinar-se ao critério de mercado. Haveria duas formas de deter capital: ser proprietário de meios de produção ou deter capital humano que é resultante de acúmulo de conhecimento que potencializam a força de trabalho.

Segundo Frigotto (2008), o que o capital humano não responde é a pergunta: “os países e indivíduos pobres são pobres porque não têm escolaridade ou não têm boa escolaridade por que os países colonizados e os trabalhadores não podem investir em educação?”. Sendo a resposta a segunda pergunta. Mas as instituições como o Banco Mundial (BIRD), a Organização mundial do comércio (OMC) e Banco

interamericano de desenvolvimento (BID), apoiados pela imprensa tem a tarefa de convencer as massas de que o problema da desigualdade não está nas relações de classe, mas nas diferenças educacionais.

Frigotto (2008) diz ainda, que na batalha das ideias o embate político-ideológico está em combater a dualidade estrutural da educação. Há debates que estão organicamente associados nas lutas não de reformar o capitalismo, mas de superá-lo. No plano de qualidade social o foco está na compreensão da escola unitária, omnilateral, politécnica, ou tecnológica que permita uma formação desinteressada. o autor ressalta:

“Trata-se das bases de conhecimentos que permitem ler, analisar, interpretar e compreender como funciona o mundo da natureza e da matéria (o que Gramsci denomina da sociedade das coisas) e como funcionam as relações sociais, políticas, culturais (sociedade dos seres humanos)” (FRIGOTTO, 2008, p.10)

No método que conta a história humana no trabalho, na ciência, na arte e na cultura, na educação, podemos entender os limites de classes e de dominação que esgarçam o gênero humano de produzir diversas atividades em diferentes esferas da vida. Isso nos faz perceber a necessidade de superação das relações sociais na sociedade capitalista.

“Os desafios que temos por superar implicam, em suma, aprofundar nossa capacidade analítica mediante uma concepção e método dialético de compreensão da realidade social e educacional, construção de uma subjetividade política que queira alterar a situação atual e, a organização que dá o elo de força para as mudanças que necessitamos.” (FRIGOTTO, 2008 p.17)

A educação sendo própria dos seres humanos, segundo Saviani (2008), portanto a compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana. Diferente dos outros seres vivos, o homem deve produzir sua própria existência transformando a natureza para si. Portanto o que o diferencia dos outros animais é o trabalho. Quando o homem transforma a natureza, ele cria um mundo humano, sendo isso traduzido de trabalho material. E ao pensar o que vai produzir, tais aspectos se traduzem de trabalho não material.

O trabalho não material trata-se da produção do saber, e a educação se situa nessa categoria. Mas nesta categoria deve se distinguir o trabalho não material em

duas modalidades: as atividades em que o produto se separa do produtor, como, por exemplo, os livros, no qual há intervalo entre produção e consumo; e aquelas em que não se separam do produtor, e em que não há intervalo. É nesta última que se situa a educação.

O trabalho educativo é o ato de produzir em cada indivíduo, a humanidade que é produzida pela história e pela coletividade, sendo o objeto da educação identificar os elementos culturais e a forma para que se consiga atingir esses objetivos. Mas a educação não se reduz ao ensino, mas é um aspecto da educação, pois participa do fenômeno educativo.

A escola tem a ver com o problema da ciência, que é o saber sistematizado. E por ter essa exigência por parte das novas gerações é que se torna necessária a existência da escola, que é o lugar onde se adquire o saber elaborado. Mas para ter acesso a esse tipo de saber, deve-se aprender a ler, escrever, e contar. E a naturalização desses elementos neutralizam o processo de democratização.

Saviani (2008) diz ainda que currículo é tudo o que é produzido na escola, tudo o que a escola faz. Com isso se abre caminho para desviar e terminam por descaracterizar o trabalho escolar. Para tanto, o autor dá exemplos de todas as comemorações da escola, que vão de fevereiro a dezembro, e isso faz com que se perca a atividade nuclear da escola, isto é, a transmissão do saber elaborado. Não podemos perder de vista a distinção do que é principal e o que é secundário. Em nome do conceito ampliado de currículo a escola tornou-se um mercado de trabalho, disputado por diversos profissionais. E a escola passa a ser uma agência de serviço.

Para existir a escola não basta ter o saber sistematizado, é preciso tornar viável as condições de transmissão e assimilação. Deve haver um saber dosado ao longo de um tempo determinado. Quando se atinge o nível, no aprendizado, em que os atos são praticados automaticamente é que se ganha liberdade (exemplo de dirigir), mas para o aprendizado ser completo, o aprendiz deve ser criativo no momento da execução da atividade.

Assim, poderemos dizer que, também na alfabetização, é necessário dominar os mecanismos da escrita até torná-los parte do nosso corpo, deixar de lado os

aspectos mecânicos. É preciso criar habitus, ou seja, uma situação irreversível, mas é preciso ter insistência e persistência. É preciso repetir muitas vezes para que eles se fixem. Para confirmar o autor diz que:

“Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular.” (SAVIANI, 2011, p. 14).

Nas análises dos currículos feitas pelos autores há uma tentativa de construção de uma teoria contra hegemônica para que se tenha uma educação com a capacidade de formar indivíduos de forma igualitária e que consigam transformar a sociedade ao seu favor. Ramos (2003) traça uma perspectiva totalizante para a noção de competência transformando-a em potencialidade de emancipação sociocoletiva e de transformação social. Para tanto, ela aponta questões que devem ser seguidas para que o propósito seja alcançado:

- a) que a realidade concreta é uma totalidade, de modo que o currículo busque abranger todas as dimensões do conhecimento, em que se incluem determinações e potencialidades técnico-operacionais, econômicas, físico e socioambientais, sócio-históricas e culturais;
- b) que o homem, como sujeito histórico-social, não se dispõe psicologicamente a adaptar-se às instabilidades sociais, mas a enfrentar a realidade concreta, apropriando-se dela, transformando-a e transformando-se permanentemente;
- c) que o processo de subjetivação não é intrínseco ao próprio indivíduo, mas síntese das relações sociais em que o homem se apropria da realidade objetiva e, assim como apreende subjetivamente suas leis, objetiva-se como ser social por meio das próprias ações sobre a realidade;
- d) que a contextualização dos conteúdos de ensino como mecanismo que potencializa a aprendizagem significativa não pode limitar os conteúdos à forma como se manifestam no cotidiano, mas deve levar à compreensão da realidade de forma pensada, para além do senso comum;

e) que as disciplinas científicas e escolares têm uma história e uma identidade epistemológica, de modo que suas fronteiras não se dissolvem por simples opção metodológica. Portanto, a construção do conhecimento pela apropriação subjetiva dos conteúdos disciplinares processa-se como representação de uma realidade externa ao pensamento, ainda que trabalhada por ele, num processo dialético de apropriação e objetivação. (RAMOS, 2003, p. 96)

Ramos (2003) acredita que o conhecimento constrói-se pela busca histórica de compreensão da realidade em sua essência, e defende uma pedagogia das competências centrada na práxis humana, na qual, os homens produzem socialmente sua existência mediada pelo trabalho. E para afirmar a sua compreensão a autora cita:

“(...) o conhecimento constrói-se pela busca histórica de compreensão da realidade em sua essência, ultrapassando suas aparências fenomênicas. Isso pressupõe conceber o conhecimento como possibilidade ontológica e como produção social e histórica. A educação comprometida com a possibilidade de os trabalhadores tornarem-se dirigentes deve, então, proporcionar a compreensão da realidade social e natural, com o fim de dominá-la e transformá-la. Assim, todos os indivíduos devem ter acesso a esses conhecimentos, como meio de compreensão da realidade o mais objetivamente possível em cada momento histórico. A noção de competências tem seus fundamentos filosóficos e ético-políticos radicalmente opostos a essa perspectiva.” (RAMOS, 2003, p. 111)

Para Duarte (2010), para a superação das pedagogias negativas, é necessário superar a educação escolar em suas formas burguesas sem negar a importância do que é transmitido pela escola e dos conhecimentos que foram produzidos pela humanidade. Para tanto o autor afirma:

“Uma sociedade comunista deve ser uma sociedade superior ao capitalismo e para tanto ela terá que incorporar tudo aquilo que, tem sido produzido na sociedade capitalista, possa contribuir para o desenvolvimento do gênero humano, para o enriquecimento material e intelectual da vida de todos os seres humanos. Trata-se de superar os limites do Iluminismo sem negar o caráter emancipatório do conhecimento e da razão.”(DUARTE,2010, p.48)

Dentro desta mesma perspectiva, Saviani (2007) esboça a organização do sistema de ensino com base no princípio educativo do trabalho, na sociedade atual, o ensino fundamental é o princípio educativo do trabalho indiretamente. No ensino

médio essa relação de educação e trabalho ocorre de forma direta, mas Saviani (2007) salienta que o norte do ensino médio deveria ser para que propiciasse aos alunos o domínio de diversas técnicas, os tornando politécnicos, pois desta forma poderiam atingir a autonomia.

A educação superior seria encarregada de colocar o aluno imerso na vida cultural, independente de sua origem social para que não houvesse distinções. Terminada essa formação, os jovens teriam a escolha de seguirem por diversos caminhos. Do conceito politecnia, Saviani (2007), visou a junção de escola e trabalho, mas, Manacorda, citado por Saviani (2007) ao analisar os conceitos marxistas, propôs que a interpretação melhor seria a de omnilateralidade ao invés de politecnia, pois o termo omnilateralidade seria baseada numa divisão do trabalho consciente em que se juntam ciência e trabalho. Para melhor compreender ele cita:

“(...) o caminho da humanidade, movendo-se na genérica natureza humana originária caracterizada por muitas ocupações, passa pela formação de uma capacidade produtiva específica provocada pela divisão natural do trabalho; e chega a conquista de uma capacidade omnilateral, baseada, agora, numa divisão do trabalho voluntária e consciente, envolvendo uma variedade indefinida de ocupações produtivas em que ciência e trabalho coincidem. (...)”. (SAVIANI, 2007, p.164)

Segundo Rodrigues (1998), as palavras mesmo que ditas ocasionalmente por Marx que até hoje fazem parte das discussões sobre educação onde ele diz: “Afirmamos que a sociedade não pode permitir que pais e patrões empreguem no trabalho, crianças e adolescentes a menos que se combine este trabalho produtivo com educação”. Marx mesmo que não intencionalmente defendia a criação de escolas politécnicas, que visa o aperfeiçoamento intelectual dos alunos, e não o adestramento para determinado ofício.

A educação para Marx teria a mistura de três etapas: a educação intelectual, a corporal com exercícios de ginástica e a educação tecnológica. Isso elevaria o operário acima da classe burguesa e aristocrática. Essa educação vem se construindo de uma maneira que se possa pensar o desenvolvimento humano. A escola politécnica ou a área trabalho educação não pode ser vista separadamente dos outros campos da educação, mas como início dos métodos na pesquisa educacional.

Manacorda (2000) diz que Marx define o homem em unilateral e onilateral e a educação como forma de transição do homem de um estado para outro. A unilateralidade humana consiste em todas as coisas negativas, o homem alienado com o trabalho não consegue ir além do que apenas ser burros de carga ou transformados em máquinas. Permanecem num mundo fechado, onde não há desenvolvimento intelectual. A divisão do trabalho e a propriedade privada é uma das causas da unilateralidade, que só faz com que se multipliquem as necessidades e a falta de prazer. Para Marx, com a alienação do trabalho o indivíduo não poderá ir além, deixa de ter necessidades, o torna imbecil, cretino.

A onilateralidade é o oposto da unilateralidade, reúne todas as coisas positivas do ser humano, é o desenvolvimento total das faculdades do homem. Uma totalidade de prazeres, o gozo dos bens espirituais ao qual o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho. Deixa de ser somente carpinteiro, barbeiro, e pode ser o quiser, ter a escolha de ser em momentos diferentes o que desejar.

Segundo Manacorda (2000), para Marx, a educação está sendo colocada ao lado da divisão do trabalho, o que causa unilateralidade. Nos escritos de Hegel diz-se que havia poucas lutas pela educação dos operários, e as que haviam estavam nas mãos de grupos religiosos, para fins religiosos. As escolas eram criadas para a burguesia, o que levava o trabalhador a uma atrofia moral e desolação intelectual. A Sociedade se torna contraditória por necessitar de homens novos, mas acaba por deixá-los limitados.

Há necessidade de escolas que sejam para todos, não só para a classe dominante, pois as escolas são decorativas e sem substância. Marx defende a criação de escolas politécnicas. Manacorda (2000), citando Marx, diz ainda que Marx diz que na libertação dos operários está a libertação humana em geral, pois para ele o homem é que rompe os limites que o fecham limitando-o.

Yvo Tonet (2005) também elabora caminhos pelos quais seria possível a emancipação humana integral. Tendo em vista todo o processo histórico que a sociedade vem reproduzindo ao longo de sua existência. O primeiro passo seria a descoberta do que é o homem. Sendo o homem um ser social e o trabalho ser a

essência humana, isso significa que as necessidades do homem não se esgotam somente com o trabalho, pois o homem é preparado incansavelmente por nossa sociedade.

Quanto à emancipação humana e cidadania, tendo em vista suas origens na passagem do feudalismo para o capitalismo, portanto, produzindo as desigualdades sociais, tem em sua essência o trabalho associado, como dito anteriormente, a aprendizagem viria do contato do ensinar e aprender no mesmo momento. Para que o salto ontológico do ser social, Tonet afirma:

“Trabalhar é, portanto, conceber antecipadamente o fim que se pretende alcançar e atuar sobre a natureza para transformá-la de acordo com este objetivo. Por outro lado, ao transformar a natureza, o homem cria, ao mesmo tempo o seu próprio ser. Tanto Marx, como Lukács, insistem que é por intermédio do ato do trabalho que se realiza o salto ontológico do ser natural ao ser social.” (TONET 2005,p.1)

Mas para que se consiga a efetivação dessa emancipação na sociedade na qual estamos instalados, independente de teorias pedagógicas, nas quais têm procurado a solução para que o indivíduo tenha melhor efetividade dentro da sociedade capitalista, a melhor proposta, segundo Tonet (2005), será o desenvolvimento das forças produtivas de maneira que atendam a todos de forma igualitária diminuindo o tempo de trabalho para que possam se dedicar as atividades humanas. Afirma ainda que:

“A emancipação humana, ou seja, uma forma de sociabilidade na qual os homens sejam efetivamente livres, supõe a erradicação do capital e de todas as suas categorias. Sem esta erradicação é impossível a constituição de uma autêntica comunidade humana. E esta erradicação não significa, de modo algum, o aperfeiçoamento da cidadania, mas, ao contrário, a sua mais completa superação. Como diz Marx, nas Glosas Críticas, há uma distância infinita entre o cidadão e o homem, assim como entre a vida política e a vida humana.”(TONET, 2005 p.3)

Mas para que isso seja possível, terá que haver organizações por parte dos trabalhadores, indivíduos da sociedade, pois isso não ocorrerá automaticamente. Sendo o capital reprodutor das desigualdades, não seria possível que ele beneficiasse a classe na qual traz os lucros necessários para a sua manutenção. Por isso a organização se torna necessária para que o homem além de trabalhar

consiga ter a complementação de sua essência.

7. RELATOS DE ALUNOS TRABALHADORES E SUAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES.

Diante das reflexões realizadas anteriormente, tivemos a percepção do papel da educação como reprodutora da estrutura econômica e sociocultural e o currículo se tornando uma mera utopia do que acontece na realidade, ou sendo uma exigência para que se consiga estar em meio aos detentores do conhecimento, e que através deste conseguem a dominação da sociedade.

A história da educação, segundo Conceição Paludo (2001), não teve a mesma finalidade constante, havendo uma história em cada época, com diferenciação nos objetivos de acordo com a classe social ao qual pertenciam, e os objetivos pertencem às pessoas as quais a escola se destina. Desta maneira, a educação acaba contribuindo para estruturas e processos que produzem as desigualdades e a estrutura social.

Com isso, relatamos histórias de trabalhadores que foram obrigados a abandonar a escola na juventude para se dedicar ao trabalho para sua própria sobrevivência. A escola ficou em segundo plano se tornando um desejo distante difícil de alcançar, como relata o senhor João:

“Eu sempre estudei em escola pública, mas na minha adolescência parei de estudar porque tinha que trabalhar para ajudar meus pais, a família muito grande, né? Então, não tinha como agente ficar no colégio aquela época. Às vezes quando tinha um colégio, que a gente era mais da roça, em Cristalina, se fosse perto a gente ia, mas era fraquinha, você sabe, né? Essas escolas de Roça eram fracas. Se hoje já é fraco imagina aquela época... Então nós era cinco homens e os mais velhos tinha que trabalhar pra ajudar o pai e família sobreviver, pois era sete irmão, então eu parei. Eu parei com dezessete anos, mas estudei só até quinta série. Eu nunca fui reprovado, eu parei mesmo foi por causa das dificuldades financeira de você ter que ajudar em casa.(JOÃO)

As dificuldades enfrentadas pelo senhor Joao evidenciam as dificuldades de um Estado que não comporta as condições mínimas para que as crianças permaneçam na escola durante o período escolar, sem que isso interfira na relação com a sobrevivência. Sem ter o que fazer, o indivíduo se ver obrigado a abandonar a escola, tornando-a secundária a sua formação humana.

“Quando não era financeira, era por que o colégio era longe e não tinha transporte naquela época, então ficava muito difícil. Eu gostava de aprender, o ensino era bom, mas a gente tem que parar. Eu gostava da escola, mas eu mudaria a prova, eu não gosto de fazer

prova, porque você estuda o ano inteiro pra esquecer dentro de cinco minutos o que você estudou tudinho, depois quando a prova passa, é que você vai lembrar.

O pouco que eu aprendi tem sido muito útil pra minha vida, o conhecimento, né? Porque antes a gente era muito leigo nessa parte, não entendia muito as coisas, e quando a gente volta a estudar a gente vai aprendendo mais, o modo de viver de se comportar, de falar. Eu fiquei fora da escola durante 26 anos, daí eu tive que começar tudo de novo. Comecei o fundamental desde o primeiro ano na escola Maria Alice, aí terminei lá, e depois vim pra cá (IFG), porque a gente vinha visitar aqui, e eu achava tão bonito e dizia pros meus colegas: poxa, isso aqui é bonito demais, aqui é faculdade, um dia nós estuda aqui.

Eu depois que vim pra cá (IFG), eu já pensei em desistir algumas vezes por causa do cansaço do trabalho. Eu estou no terceiro ano. O importante de voltar a estudar é adquirir conhecimento, melhoria do trabalho da gente porque você faz um curso, já vai miorando nos cargos. Antes de eu vim pra cá eu trabalhava em serviço pesado de descarregador de caminhão, e eu olhava assim, e as forças já iam se acabando, aí vai fogando os fi vão crescendo, aí eu falei: agora é minha vez!” (JOÃO)

Apesar das dificuldades, o indivíduo não se enxerga sendo prejudicado pelos problemas enfrentados. O Estado utiliza do capital da classe possuidora dos meios de produção para sua manutenção, as classes que detém os meios de produção aumentam seu capital com a exploração dos que, por falta de recursos, precisam vender a sua força de trabalho para sobreviver.

“De lá pra cá eu já fiz curso, tirei carteira de motorista, coisa que eu nunca pensei tirar a carteira, ser motorista. Sou motorista, sou operador de empilhadeira, terminando um curso de técnico em informática. Não vou dizer que melhorou cem por cento, mas o que eu aprendi hoje foi excelente demais, eu agradeço todos os dias. E eu tenho uma velha teimosa que briga: “Não sei o que você quer no colégio!” – e eu digo: moço, você não está vendo minha melhoria? Você pula de um salário pra dois e você já sente a melhora.

A escola é um ensinamento, educação você tem em casa. E eu gostaria de dizer que os governantes olhem por nós e invista na educação porque ela é fundamental em nossa vida, porque educação é tudo, é o alicerce de tudo.”

(JOÃO, 53 anos, IFG, Formosa-Go)

Podemos perceber que o processo educacional se consolida numa seletividade, essas seletividades consistem em oportunidades diferentes, que está relacionada, aos objetivos das classes sociais, onde existem indivíduos que possuem prerrogativas que os permitem, mesmo sem grande esforço, se manter num nível alto, como por exemplo: pessoas que possuem um maior poder aquisitivo,

e que permitem uma melhor capacitação para que consiga se manter dentro da classe ao qual pertence.

Ao mesmo tempo, existem indivíduos que por falta das mesmas oportunidades não conseguem atingir esse grau de capacitação que seria necessário para competir com os demais. Essas pessoas, geralmente são de classes menos abastadas e com alto nível de dificuldade, que não as permitem permanecer ou, até mesmo, ter a oportunidade, na maior parte da vida, de ir para escola. Foi o que aconteceu com senhora Luiza, hoje aos 48 anos, estudante do Eja:

“No começo quando eu entrei na escola mesmo eu já entrei na segunda série porque eu já sabia um pouco. Eu morava nas olarias, nas cerâmicas perto das olarias, aí eu entrei na escola já com sete anos, eu estudei até o sétimo ano, mas eu já trabalhava na olaria, mas aí a gente vai ficando mocinha, querendo ter as coisas da gente, aí eu parei pra trabalhar com 14 anos em casa de família. Quando o pessoal deixava eu estudava a noite, mas quando não deixava, não tinha como ir... Aí quando eu estava com 18, 19 anos eu estudava no segundo ano do ensino médio, aí aconteceu uns problemas e eu deixei a escola pra lá porque eu precisava trabalhar mais ainda. Meus pais não tinham condições eram muitos filhos, eu era uma das mais velhas, a situação é precária e quando eu saí de casa eu saí pra ajudar nas despesas. Morava na cidade e voltava a cada quinze dias, eu morava na casa do pessoal que eu trabalhava” (LUÍZA)

O estado capitalista em sua natureza é composto por frações de classes, que entram em conflito, e que o mais forte, economicamente, explora o mais fraco para aumentar o capital. A classe trabalhadora nunca terá a mesma igualdade dos donos dos meios de produção, exatamente, por essa natureza do estado que é formada por esses conflitos.

“Depois de 22 anos longe, eu voltei pra escola. Eu acho importante voltar pra escola porque só com o trabalho a gente não consegue mudar de vida, de ser alguém na vida, porque só com o trabalho braçal é meio difícil. Eu parei de trabalhar em casa de família, hoje eu faço salgado pra fora, mexo com cabelo, faço de tudo um pouco pra eu ter um tempo livre pra eu vim estudar. Na escola eu achava muito bom, eu parei mesmo por causa do trabalho, tanto que eu voltei agora, eu acho uma oportunidade boa, por aqui (no IFG) também tem uma faculdade, e se tudo der certo eu quero fazer faculdade, já estou velha, mas eu quero fazer uma faculdade”. (LUIZA, 43 anos, IFG, Formosa-Go)

As divisões escolares se iniciam dentro do próprio ambiente escolar, onde a democratização, segundo Libânio (1994), não se consolida, e há uma reprodução das relações que dificultam a absorção do conhecimento, tornando inviável que todos tenham a mesma oportunidade. Dentro da sala de aula existem diversos tipos

de pessoas, com histórias de vida que são diversificadas, essas problemáticas individuais, são, muitas vezes, responsáveis pela dificuldade da absorção do conhecimento. E os que, mesmo com essas dificuldades, conseguem acompanhar os demais são vangloriados pela meritocracia.

Para Bourdieu (1992), os indivíduos se posicionam de acordo com o capital acumulado, que pode ser social, cultural ou simbólico. Na educação se acumula, sobretudo, capital cultural, na forma de conhecimentos adquiridos, livros, diplomas etc. As dificuldades dessas pessoas que não possuem esse “capital” são visíveis, quando se fala de mercado de trabalho, do modo como são tratados pelas pessoas, familiares e amigos. Esse capital, certamente, é conseguido, com maior facilidade, pelos que pertencem as classes dominantes. A manutenção desse poder de conhecimento é essencial para que a classe permaneça fortalecida e consiga permanecer com os cargos e posições que são predominantemente dessa classe.

Não foi o caso do senhor Pedro, hoje com 55 anos, estudante da EJA, que ainda na infância teve que deixar a escola para trabalhar na rua para ajudar os pais:

“Eu morava na roça, eu vim pra cidade eu já tinha 11 anos, nesse período eu não estudava. Quando eu vim pra cidade eu comecei a estudar em escola pública, fiz o primeiro ano, segundo, mas naquele tempo dos anos 70, os pais sempre falava que os filhos quando aprendesse a ler e escrever, não precisava mais de escola. Ai começou a me tirar, já tava com os meus treze anos e me botava pra trabalhar, ficava na rua engraxando, vendendo picolé... e aí fiquei maiorzinho e consegui terminar o primário que era até a quarta série. Com dezessete anos eu me alistei no exército brasileiro, no primeiro ano fiquei quieto, quando foi no segundo ano eu pedi pra estudar por que eu queria terminar o primeiro grau que era até a oitava série, aí eles deixava, eu ficava aqui em formosa no campo de instrução da lagoa, a noite eu vinha com a lanterna em cima da bicicleta por que era muito escuro, ai eu consegui concluir até a oitava série. Depois parei no tempo, fiquei só trabalhando” (PEDRO)

Essa relação que o indivíduo tem com o trabalho, é uma relação que reproduz infinitamente esses conflitos, pois mesmo que os trabalhadores trocassem de lugar com seus patrões a estrutura permaneceria a mesma. Como Marx já dizia, para a tomada do poder e a modificação das condições de trabalho, seria acabar com o Estado.

“Tentei um supletivo, não deu certo porque fraudaram a gente, isso eu já tava com quarenta e poucos anos. Eu me aposentei no exército, por causa dum acidente que aconteceu lá. Depois eu vim fazendo curso, eu fiz um curso de agricultura familiar, fiz um curso de cozinha no pronatec. Ai o tempo foi passando e meu filho disse que

tinha esse curso aqui do Eja.

Eu já sou mestre de obras há muitos anos, desde que me aposentei no exercito, quando eu me aposentei estava com 23 anos. Eu faço empreitada, a escola não fez muita diferença na minha vida, não. Porque eu consigo calcular uma escada, de cabeça mesmo, por causa da prática. Dá pra fazer bem a profissão que a gente exerce.”

(PEDRO, 55 anos, IFG, Formosa-Goiás.)

Essa constante existente em nossa sociedade, segundo Freire (2013), reconhecidamente como opressores e oprimidos, tornam evidente a consolidação desse processo de dominação das classes que se sentem superiores. Estes oprimem e exploram em virtude de seu poder. A educação para os oprimidos se torna como refúgio do opressor. Mas o que Freire (2013) salienta, é que o oprimido deverá ter o cuidado de não se tornar, ao passo que se tem o conhecimento, o opressor. A hierarquização da nossa sociedade se consolida em vários aspectos da vida cotidiana, entre elas, e principal, a educação.

As desigualdades sociais que vivemos, e o quanto o mundo capitalista nos torna escravo da ambição de ter o conforto que só uma pequena parcela da nossa população possui. Contradições de uma sociedade que diz buscar o bem estar dos que nela habitam. No convívio diário podemos perceber os personagens na luta cotidiana pelo poder, que como citado anteriormente, só possui aqueles que detêm o saber. Um saber que custa sacrifícios, que é difícil de ser alcançado por quem tem uma vida de trabalho, com filhos, com casa para organizar. E, por todos esses empecilhos, deixa pra trás seu sonho de um dia ser “alguém na vida”. Foi o que aconteceu com a senhora Maria :

“Eu sempre morei nas fazenda onde meu pai trabalhava. Eu comecei a estudar com 7 anos, mas devido o trabalho do meu pai, sempre que aparecia uma fazenda nova eles nos levava, eu, meus irmão e minha mãe. Geralmente nessas fazendas não tinha escola, daí eu ficava sem estudar, quando minha mãe convenceu meu pai de vir pra cidade já era 3 irmão em fase escolar, e eu já estava atrasada, já tinha 9 anos. Me matriculei na escola, mas meu pai acabou não dando conta de conseguir se manter com os trabalhos da cidade, e voltamos para os trabalhos da fazenda.

Isso aconteceu comigo 3 vezes enquanto eu estava no primeiro ano, com isso, minha mãe bateu o pé e disse que ela não iria mais com ele para as fazendas, e ele acabou indo sozinho. Essa época eu já estava com 11 anos, foi quando eu consegui concluir o primeiro ano do ensino fundamental. Aos 14 anos eu ainda estava na terceira série e eu desisti da escola porque eu sofria bullying por ser a maior da sala, os alunos riam de mim e eu chorava para não ir pra escola. Aos 14 anos saí de casa porque eu comecei a namorar e minha mãe queria que eu casasse quando eu completasse os meus 15 anos. Fui

morar com uma tia e fiquei trabalhando de doméstica, babá, o que aparecia. Na verdade desde os 11 anos eu já trabalhava de babá porque as condições não eram boas, eu precisava trabalhar pra ajudar e pra ter minhas coisinhas.” (MARIA)

A população que por conta das diversidades, sejam elas: por falta de oportunidades, por ter que deixar de estudar para ter que trabalhar para sustentar a família; não têm a oportunidade de na juventude possuir um conhecimento, que refletiria efetivamente dentro da sociedade em que convive, se vê obrigada a tentar acompanhar um sistema em que, como diria Foucaut (1986), o poder está concentrado nas mãos de quem possui o saber. A senhora Maria trabalhava em vários empregos, e foi obrigada a deixar o saber de lado para sobreviver:

“Quando eu fiz 16 anos iniciei o EJA na primeira fase que corresponde a 4 e 5 série, essa época eu trabalhava numa fábrica de móveis, lixando os móveis. Com 17 anos fiz a 6 série, mas engravidei o patrão mandou embora sem me dar direito a nada. E estudar e trabalhar ficou difícil.

Depois de algum tempo consegui fazer 7 e 8 série, eu trabalhava de doméstica, e o pessoal da casa não implicava que eu saía pra dormir em casa, daí eu aproveitava e ia pro colégio. Nesse período meu pai ficou doente, e eu tive que assumir o sustento da casa da minha mãe, pois também tinha minha filha morando lá, e eu, como filha mais velha me sentia na obrigação de sustentar todos eles.

Trabalhava em dois empregos, de dia eu trabalhava de doméstica e a noite eu trabalhava de segurança pra conseguir sustentar a todos, daí tive que deixar os estudos de lado pra minha própria sobrevivência, da minha mãe, da minha filha e dos meus irmãos.”

Sustentei a casa da minha mãe por 5 anos, o cansaço era muito grande, pois eu era responsável por uma família inteira: pai, mãe e oito irmãos. Quando a aposentadoria do meu pai saiu e aí eu parei de sustentar a casa, mas continuei trabalhando bastante pra conseguir construir minha casa. Eu trabalhava de segurança, trabalhava de doméstica, e de cabeleireira nos finais de semana, e quando aparecia encomendas de bolo e de quibe eu também fazia. A educação ficou de lado, porque não aguentei o rojão, o cansaço era muito grande, e eu tive que escolher entre ficar na escola e trabalhar.” (MARIA, 37 anos)

As condições sociais se entrelaçam num processo destruidor para aqueles que não conseguem, de algum modo, ter oportunidades de estudos com níveis de escolaridades, que em muitos momentos da vida, como o de conseguir um trabalho, por exemplo, poderia fazer falta.

Mas há aqueles que a sociedade diz ser merecedor de tudo o que conquistou,

por seu esforço, por sua perseverança. É o que chamamos de meritocracia, que é o que a sociedade diz, para dar a entender que todos podem ter a mesma oportunidade, independente das dificuldades que passarmos, sermos capazes de chegar aonde quisermos, com a mesma oportunidade que todos, basta se esforçar. Mas a pergunta é: será mesmo que temos essa oportunidade somente mediante o esforço?

Há pessoas que não conseguem levar adiante devido aos problemas enfrentados, e por isso se tornam reféns de uma sociedade que não dá oportunidades para os que estão à margem. Podemos pensar também não só no mercado de trabalho, mas nas situações em que o ego do ser humano é exaltado, em circunstâncias que o simples saber “ler e escrever” faz falta, tornando-os estigmatizados pela sociedade.

Os objetivos dos trabalhadores é conseguir ter um mínimo de oportunidades, que sem o diploma não seria possível, apesar de sabermos que nunca chegaremos ao nível dos detentores de poder, mas poderemos ter em nossas mãos, ou melhor, em nossa mente, o conhecimento para que um dia esse ciclo de vencedores e perdedores se torne menos desigual.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar as considerações acerca desta pesquisa, devo ressaltar que as obras lidas anteriormente que me inquietaram estão mais atuais do que nunca. A formação do Estado colabora para a existência e o controle dessas situações, já que apesar de sua aparência neutra que atende ao direito de todos universalmente e com igualdade, tem o papel de privilegiar as classes dominantes.

Durante a pesquisa tive dificuldade em contato com os entrevistados, pois muitos, principalmente as mulheres, não gostam de falar sobre o assunto. Foi gratificante estar com os poucos que aceitam participar, pois apesar das dificuldades que passaram eles não se enxergam como explorados pelo sistema, esbanjam alegria. Contam suas histórias como um ar de dever cumprido, sem se dar conta de que para ser completo como homem vai muito mais além do que viver para trabalhar ou estudar para conseguir um emprego melhor, continuando o processo de exploração.

Acredita-se que os objetivos propostos se aproximaram do alcance da pesquisa, que poderão ser aperfeiçoados em pesquisas posteriores, e, como resultado, digo que a escola não é mais do que uma instituição a favor do Estado. As instituições coordenam as atitudes, e os indivíduos não veem alternativa se não acompanhar os modelos já existentes. As instituições intermediam as estruturas sociais e os comportamentos individuais, fazem um ciclo infinito de reprodução das coerções existentes em nossa sociedade.

Portanto as pessoas estão influenciadas pelas instituições que dão forma à maneira como nós nos organizamos socialmente. As reproduções sociais não são uma atitude autônoma do indivíduo elas são mediadas pelas instituições. Nós vivemos dentro de estruturas sociais, e os nossos comportamentos individuais têm uma relação muito estreita com essa estrutura.

O modo educacional no qual estamos inseridos na sociedade é privilégio para poucos. O sistema nos faz acreditar que somente com a educação poderemos nos comparar aos níveis sociais as quais nossa sociedade é dividida. Mas ao que pode se perceber é que, mesmo tendo oportunidades educacionais, a população menos favorecida continua estagnada. O sistema escolar, para a grande população,

é tido como uma chance de “ser alguém na vida”, mas a realidade de cada indivíduo acaba por influenciar o destino educacional de cada um.

Na sociedade capitalista na qual o homem vive para o trabalho e tem uma visão distorcida do seu verdadeiro significado, as chances educacionais continuam a reproduzir para que esse modelo permaneça. O Estado, em seu formato capitalista, não tem interesse algum que a classe dominada, se torne dona dos meios de produção, pois isso seria inviável para sua manutenção.

Problematizando o contexto social, podemos perceber que a sociedade menos favorecida possui menos recursos, e o ensino é dirigido para que essa população permaneça como colaboradora do crescimento do capital, que é pertencente à classe dominante.

A sociedade se torna responsável pelas condições que cada indivíduo tem, mas dividida como é, é mais fácil que quem esteja em lugares mais favorecidos culpe os menos favorecidos do lugar que ocupa dentro dessa sociedade. Os fatores educacionais chamam atenção, pois a ideologia dominante é que a escola é tida como um processo transformador do indivíduo.

O que se pode concluir é que antes da educação ser transformada para tornar os indivíduos em seres pensantes, o sistema econômico deve ser avaliado, pois torna a reprodução hegemônica escolar permanente, sem que os indivíduos tenham escolha de qual caminho seguir para sua própria sobrevivência.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. S. Paulo: Cortez, 2006.

BORDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação** São Paulo: Brasiliense, Coleção. Primeiros Passos, 2010.

DUARTE, Newton; MARTINS, Lúcia Márcia (Orgs.) **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 191 p. ISBN 978-85-7983-103-4. Available from SciELO Books.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. , rev. atual. 2013

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Qualidade e Quantidade da Educação Básica no Brasil: Concepções e Materialidade**. Ano II – Número 3 - 2008 Revista da RET Rede de Estudos do Trabalho, 2008

FOUCAUT, Michel. **Microfísica do poder**. 6° Ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 1986.

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6° Ed. São Paulo: Atlas, 2012

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez 1994

MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. 3° Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl. **Introdução à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

_____. **O capital: a crítica da economia política**. 32°ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular**. – Porto Alegre: Tomo Editorial; Camp, 2001.

RAMOS, Marise Nogueira. **É possível uma pedagogia das competências contra-hegemônica?** Relações entre pedagogia das competências, construtivismo e neopragmatismo. Revista Trabalho, educação e saúde, 93-114, 2003. p. 93-114.

RODRIGUES, José. **A educação politécnica no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1998

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico crítica**. 11 ed. rev.— Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

_____. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação. v. 12 n. 34 jan/abr. 2007.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TONET, Ivo. **Cidadania ou emancipação humana?** Revista espaço acadêmico, nº 44, janeiro de 2005, ano IV. 2010.

ANEXOS

1. TABELA DO QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONOMICO

1	QUAL SEUNOME?	
2	QUAL SUA IDADE?	
3	QUAL SEU SEXO?	1- MASCULINO 2- FEMININO
4	ESTADO CIVIL?	1- CASADO 2- SOLTEIRO 3- VIÚVO 4- EM UNIÃO ESTÁVEL
5	QUANTOS FILHOS?	1-2-3-4-5-6-7-8
6	QUAL A SUA COR/RAÇA?	1- NEGRO 2- BRANCA 3- PARDA 4- AMARELA 5- INDÍGENA
7	QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM?	1-2-3-4-5-6-7-8
8	QUAL O GRAU DE ESCOLARIDADE DO PAI?	1- Não estudou 2- E.F. incompleto 3- E.F. em curso 4- E.F.completo 5- E.M. incompleto – 6- E.M. em curso 7- E.M. completo 8- E.S. incompleto 9- E.S. em curso 10- E.S.completo
9	QUAL O GRAU DE ESCOLARIDADE DA MÃE?	1- Não estudou 2- E.F. incompleto 3- E.F. em curso 4- E.F.completo 5- E.M. incompleto – 6- E.M. em curso 7- E.M. completo 8- E.S. incompleto 9- E.S. em curso 10- E.S.complet
10	QUAL SUA RENDA FAMILIAR?	1. Até R\$400,00 2. de R\$400,00 a

		R\$800,00 3. de R\$800,00 a R\$1.200,00 4. Acima de R\$1.200,00
11	VOCÊ TRABALHA?	1. SIM 2. NÃO
12	COM QUE IDADE COMEÇOU A TRABALHAR?	

2. TABELA DOS RESULTADOS COLETADOS.

Legenda:

P= PERGUNTA

P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12
JOAO	53	1	1	6	3	6	1	1	4	1	10
PEDRO	55	1	1	2	2	6	1	1	4	1	13
LUIZA	43	2	1	3	1	8	1	1	3	1	14
MARIA	37	2	1	2	3	4	2	2	3	1	11

APÊNDICE

1. QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

- Sempre estudou em escola pública?
- Já foi reprovado/a na escola? Por quê?
- Já desistiu alguma vez de estudar na escola do ensino regular? Por quê?
- Qual a última série estudada no ensino regular?
- O que era bom na escola e por quê?
- O que não era bom na escola e por quê?
- O que você aprendeu na escola foi útil para sua vida?
- Você saberia citar algum conhecimento/conteúdo aprendido na escola?
- O que você mudaria na escola?
- Por que motivo abandonou a escola?
- Quanto tempo você ficou fora da escola?
- Já desistiu alguma vez de estudar na EJA?
- Como você se vê daqui a 10 (dez) anos?
- A escola é importante na construção ou formação do jovem?
- Tem alguma coisa a mais que você gostaria de dizer?
- Nome?
- Idade?
- Onde você nasceu?
- Onde passou a infância?
- Estado civil?
- Quantos filhos?
- Quem ajudava a cuidar dos seus filhos?
- Quantas pessoas vivem na sua casa?
- Qual o grau de escolaridade do Pai/responsável?
- Qual o grau de escolaridade da mãe/responsável?
- Você trabalha?
- Com que idade começou a trabalhar pela primeira vez?